

**O MITO DO AMOR ROMÂNTICO E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO:
DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES NAS VOZES DE MENINAS E
MENINOS ADOLESCENTES**

Telma Low Silva Junqueira

(Psicóloga, Especialista em Psicologia Social Comunitária, Mestra em Gênero e Políticas de Igualdade e Doutoranda em “Estudios de Género” pela Universidad de Valencia/Espanha)

Danielly Spósito Pessoa de Melo

(Assistente Social, Mestra em Educação, Mestra em Gênero e Políticas de Igualdade e Doutoranda em “Estudios de Género” pela Universidad de Valencia/Espanha)

1. Adolescência, Amor Romântico, Violência de Gênero e a transversalidade de algumas categorias

A veces la libertad da frío,
pero también un placer enorme,
sobre todo cuando eliminamos una opresión.
(LAGARDE, 2005, p.338).

Investigar as formas de ser-estar e se relacionar do humano parece algo bastante complexo e desafiador, principalmente no que se refere às vivências e construções das relações afetivo-sexuais entre adolescentes. Neste artigo nos propomos brevemente a analisar, a partir de um diálogo entre teoria e prática, alguns dos resultados mais significativos de uma pesquisa de campo realizada com meninas e meninos adolescentes¹, com idades entre 15 e 18 anos, moradoras/es de comunidades de baixa-renda de Recife/PE, a respeito das

¹ A fim de preservar a identidade dos sujeitos protagonistas da pesquisa, sempre que apresentarmos seus discursos o faremos a partir da seguinte decodificação: as 06 adolescentes mulheres serão chamadas de M1, M2, M3, M4, M5 e M6 e os 06 adolescentes homens serão denominados H1, H2, H3, H4, H5 e H6.

aproximações e distanciamentos que elas e eles constroem entre o mito do amor romântico e a violência de gênero².

Iniciamos enfatizando que nos deparamos com uma realidade plena de dialéticas, singularidades, diversidades e *performances* que, por mais que precisem ser contextualizadas, devem ser pautadas a partir do entendimento de que somos todas e todos *marcadas/os* por uma sociedade predominantemente patriarcal, capitalista, classista, racista e heteronormativa. Talvez por isso sejamos continuamente *convidadas/os* a desenvolver formas de ser-estar de acordo com padrões generalizados e rígidos (LOW, 2009).

Diante desse cenário, convidamos o leitor e a leitora a se permitir *olhar* o humano a partir de algumas pautas que o torna um ser, ao mesmo tempo, tão igual e tão diverso. Esse “pré-suposto” parece relevante, especialmente, em uma sociedade que tende a, historicamente, significar os sujeitos com base em seu sexo, *instituindo-o* como mulher ou homem, como se essas fossem *determinações* naturais. Certamente, queremos chamar a atenção para o fato de que somos todas e todos seres construídos e atravessadas/os por categorias (sexo, gênero, classe, raça e etnia, idade/geração etc.) que dialogam entre si *apresentando* “um lugar” pré-determinado para ocuparmos na sociedade.

É assim que, na prática, a sociedade nos (re)constrói – e nós a (re)construímos – a partir da concepção de que há uma *condição* única para o ser social mulher e o ser social homem. O que favorece a crença na existência de formas de ser-estar generalizadas como se todas as pessoas tivessem que necessariamente se identificar, se sentir e se encaixar em tais *padrões feminino e masculino*. Nossa idéia é, portanto, destacar que a adolescência também segue essa *lógica*, chegando a ser invisibilizada como um constructo social e tendo que *responder* aos pressupostos do mundo adulto, como destaca Calligaris (2000, p.21):

[...] como ninguém sabe direito o que é um homem ou uma mulher, ninguém sabe também o que é preciso para que um adolescente se torne adulto. O critério simples da maturação física é descartado [...] o

² A pesquisa de campo foi desenvolvida no marco da tese doutoral de Telma Low, no ano de 2010, em Recife/PE. Constatou-se a realização de grupos focais inter e intra-sexo, com 12 adolescentes de comunidades de baixa-renda (6 meninas e 6 meninos), participantes do Curso Jovens Promotores de Saúde: Homem, Gênero e Sexualidade, oferecido pela ONG Instituto PAPAI. A metodologia aponta para uma pesquisa qualitativa, com ênfase no uso da técnica de grupo focal e na análise de conteúdo dos discursos mais significativos dos sujeitos participantes.

adolescente, na falta de definição ‘do que ser’, torna-se um intérprete dos desejos adultos.

A perspectiva de gênero nos permite lançar um olhar contextualizado e crítico sobre as *performances* adolescentes, compreendendo-as fundamentalmente a partir de uma relação com todas as categorias aqui citadas. Nosso trabalho se *debruça*, portanto, nos discursos de meninas e meninos adolescentes, pobres, moradores/as de comunidades de periferia, a maioria negra/o, estudantes de escolas públicas, entre outros, segmento esse na maioria das vezes marginalizado e excluído da nossa sociedade, como afirma o adolescente H3, um dos meninos protagonistas de nossa investigação:

H3: Olha só, só porque eu tenho o cabelo assim, com esse corte, meu pai vive me dizendo: “Tu acha que isso é ser homem? Tem um cabelo desse!? Quem passa pela rua vai é te confundir com um marginal...”

Somos cientes de que há uma *lacuna* nos estudos da adolescência que não a analisam a partir desse recorte, sendo esse um dos aspectos que mais nos motivou a pesquisar e aprofundar sobre o tema. Pois, a fala de H3 parece expressar que, além dele ter que dar conta de um padrão de masculinidade hegemônica – que impõe um corte de cabelo e outras tantas características *universais* – também é necessário se preocupar se o fato de assumir/se identificar com um determinado perfil, não o deixará mais vulnerável a ponto dele ser *confundido* com um indivíduo *marginal*, ou seja, alguém muito estigmatizado socialmente. (CAETANO; FERNÁNDEZ; JUNIOR, 2010).

Diante desse cenário, onde meninas e meninos parecem ter pouca oportunidade de se (re)conhecer e se desenvolver como sujeitos livres, autônomos, diversos e cheios de dignidade que decidimos “sair a campo” e construir, com algumas e alguns, a abertura de um espaço onde fosse possível experimentar (re)produzir e compartilhar pensamentos, idéias e conhecimentos a respeito da adolescência, do mito do amor romântico e da violência de gênero, desde suas próprias experiências e contexto. Para, em seguida, analisar essa *teia de saberes* a partir da perspectiva feminista e de gênero.

Desejamos, portanto, que esse artigo venha chamar a atenção para a necessidade de lançarmos nossos olhares para uma vinculação *silenciosa* – e além do mais *perigosa* – que faz

com que muitos dos aspectos que compõem o mito do amor romântico (o ciúme, a honra, o sonho do amor eterno, o mito da “meia laranja”, a relação amor-sofrimento etc.), tão desejados por muitas pessoas e casais *apaixonados*, funcionem como *instrumentos* de dominação. Esses, sem dúvida, são considerados a *porta de entrada* para a questão da violência de gênero, principalmente nas relações afetivo-sexuais entre casais heterossexuais. (ESTEBAN; MEDINA; TÁVORA, 2005; BOSCH et al., 2007; CORIA, 2007; FERRER et al., 2008; LAGARDE, 2008; GARCIA; CASADO, 2010; HERRERA, 2011).

2. As intersubjetividades adolescentes: questionamentos e perpetuações dos modelos de gênero *naturalizados*

Iniciamos destacando que as formas de ser-estar do humano são (des)construídas de acordo com o contexto sócio-histórico-político-econômico-cultural de cada época. Por isso, as consideramos aqui desde sua dimensão relacional. O que significa dizer que as intersubjetividades são influenciadas/construídas e, ao mesmo tempo influenciadoras/construtoras, de posturas, práticas de vida, valores, modelos de relação, ideais, mitos, sentimentos etc., que vão desde os mais singulares aos mais diversos. (ROLNIK, 1994). De modo que a adolescência, como construção social, também *emerge* e se desenvolve nesse contexto.

De acordo com Franch (2000), nossa sociedade vem *falhando* ao não refletir e aprofundar sobre a função social da adolescência historicamente, a qual parece vir se apresentando a partir de uma continua procura de seu *lugar* no mundo. Nesse sentido, a própria terminologia da palavra³ e a compreensão de que esta é uma *fase de transição*, entre a infância e a vida adulta, nos coloca diante de um cenário *polêmico*. Sem dúvida, a partir de uma visão clássica, a adolescência é, principalmente, caracterizada como um período de *turbulências, crises e rebeldias* (também denominado *aborrecência*), como se em nenhuma das outras fases do desenvolvimento esses *fenômenos* fossem sentidos/revelados. Interessa-

³ A palavra adolescência tem uma dupla origem. Por um lado, o prefixo AD (que significa “a”, “para”) OLESCERE, o mesmo que “crescer”. E, por outro lado, o termo ADOLECERE, que tem como sinônimas as palavras “adoecer”, “enfermar”.

nos aqui, portanto, questionar, por um lado, uma concepção de adolescência *resumida* ao aspecto cronológico (com uma faixa etária determinada) e, por outro, os referenciais que tendem a abordá-la com ênfase em atributos infra valorizados socialmente. (ADORNO; ALVARENGA; VASCONCELOS, 2005).

De modo que é necessário fomentar investigações “[...] que recuperan la capacidad creativa, innovadora y de cambio que también distingue a esta población y que daría cuenta de otros rumbos de su inserción social.” (TUÑOL; EROZA, 2001, p. 217). Reconheçamos, portanto, que quando meninas e meninos adolescentes se vêem, se sentem e se auto-definem como *aborrecentes* (como vimos em nossa pesquisa e como era de se esperar, posto que formam parte desse contexto), não só estão (re)produzindo e se desenvolvendo nesse imaginário estigmatizado, se não que também o questionando e nos *convidando* a superá-lo e construir outros.

Sejamos, pois, bem vindas e bem vindos à possibilidade de (re)conhecer uma pluralidade de formas de ser-estar adolescentes nesse mundo, considerando que, se existem algumas posturas, modelos, (inter)subjetividades, sensações, entre outros que, se tendem a ser predominantemente *representados* na adolescência, é porque estão pautados para isso. Ou seja, têm a intenção de *responder a lacunas, interditos, conflitos, emoções*, posturas que socialmente vêm sendo construídas como negativas, *impróprias, imaturas*, não desejadas etc., que terminam responsabilizando os sujeitos adolescentes por *problemáticas* que não são exclusivamente suas (BERTOLUCCI PRATA, 2008), posto que estão presente e fazem parte da dimensão humana nas várias etapas do desenvolvimento.

Frente a isso, observamos que os modelos do sistema sexo/gênero também perpassam a adolescência e nem sempre são problematizados por isso. Talvez porque tenham a função de seguir perpetuando e naturalizando o modelo dominação masculina *versus* submissão feminina como *próprio* das relações, especialmente inter-sexo. É *comum*, portanto, que as/os adolescentes se desenvolvam dentro de um imaginário cultural que potencializa:

[...] discursos que mantienen la idea de un sujeto libre y soberano, capaz de decisión autónoma, y por tanto responsable de las consecuencias de sus acciones, cuestión que genera controversia y bastante angustia. Además, ese sujeto responde a una construcción imaginaria transmitida a través de discursos de autonomía y autorrealización de ideales —en el marco de un neoliberalismo económico sin límites— que, al ser inalcanzables, llevan a las y los adolescentes, bien a grados considerables de autoexigencia, bien a

actitudes de pasividad [...]. (MARTÍNEZ BENLLOCH et al., 2008a, p. 101).

Não é a toa que muitas meninas e meninos (con)vivem com sentimentos e conflitos tão paradóxicos que as/os fazem se sentir, buscar e desejar uma autonomia e liberdade em suas relações afetivo-sexuais, por exemplo, inclusive questionando os modelos do sistema sexo/gênero. Mas que, ao mesmo tempo, se misturam com o desejo de construir relações pautadas em referenciais *tradicionais* e machistas que chegam a legitimar e naturalizar a violência e a dominação masculina.

Apresentamos a fala de uma das adolescentes participantes da pesquisa (M5), a qual aponta para o quanto ela parece *transitar* entre uma perspectiva de superação dos padrões sexistas impostos e um movimento de permanência e reprodução desses mesmos protótipos, construídos como naturais e *próprios* às relações afetivo-sexuais entre os sexos:

Porque a mulher tem que deixar uma certa dúvida para o cara. Deixar ele curioso para que ele não chegue com vontade de fazer tudo (sexo) de uma vez. Porque aí ela perde o valor.

[...] Eu mesma não gosto dessas palhaçadas de chamar as pessoas e cantar (risos). O menino que eu tou ficando é assim. Ele chama a pessoa e fica cantando e diz: canta uma música para mim! Aí eu digo, eu não, eu não gosto dessas coisas. Eu acho isso muito chato...

[...] Assim, eu não sou romântica, nem um pouquinho. Mas, se for por mim, quando eu gosto de verdade, eu quero ficar 24 horas ao lado. Eu desligo o telefone, assim se estou falando com ele agora, eu desligo o telefone e já fico doidinha querendo ligar de novo. [...] porque quero falar e ficar com ele o tempo todo...

Parece evidente que, mesmo M5 não se definindo como romântica e quebrando com o perfil imposto para a mulher (virgem, santa, submissa etc.), ela termina *caindo* nas *armadilhas* do patriarcado quando compreende que é necessário fingir ser *virgem* e *pura* para não *perder o valor* diante do homem. Além de precisar negar um romantismo que parece *impregnado* em seu imaginário, a ponto de *escapar* em seu discurso a partir do desejo de uma entrega plena e total ao *amado* que, como veremos a seguir, pode até *justificar* que uma mulher *perdoe* a violência cometida por um companheiro, tudo *em nome do amor*:

M5: [...] Eu acredito que denunciar a violência seria a coisa mais correta. Porque ela começa assim, a pessoa baixa a cabeça diante do primeiro golpe, aí vem o segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto... Mas, eu perguntaria se ele queria se separar [...], é que ele está estressado da vida e veio descontar nela... [...] e aí quando a gente ama, a gente perdoa mesmo.

Sem dúvida, nos interessa pontuar dois aspectos. O primeiro se refere ao fato de que a fala de M5 nos possibilita visualizar o quanto as intersubjetividades adolescentes parecem se deparar, especialmente na atualidade, com um modelo de relação que se sustenta com base em uma sociedade que muitas vezes se apresenta a partir de valores de consumo e neoliberais. A qual pressupõe que quase todas as pessoas são potencialmente consumíveis e permutáveis (JUSTO, 2005), de maneira que a exploração e as desigualdades passam despercebidas ou banalizadas. O segundo, é no sentido de desconstruir o que, ao longo do tempo, foi apresentado, necessariamente, dentro de um panorama generalista e essencialista: homens plenamente privilegiados *versus* mulheres completamente sem privilégios.

Isso porque tanto homens como mulheres *sofrem* e participam – ainda que de modo distinto – das conseqüências do patriarcado, sendo privados e privadas de *esferas* e *dimensões* que, apesar de humanas, são consideradas e impostas como sendo de um ou outro sexo. (KAUFMAN, 1989; SAFFIOTI, 2001; KNAUTH; VÍCTORA; LEAL, 2005; LYRA, 2008; MEDRADO; MÉLLO, 2008; RIVAS, 2010). Como é o caso da afetividade e do cuidado com os/as filhos/as, por exemplo, apresentadas como papéis femininos e o desenvolvimento da autonomia, da participação política, caracteres ainda hoje considerados como *típicos* do masculino.

A perspectiva de gênero nos permite, portanto, visibilizar que o sistema sexo/gênero constrói o humano desde uma questão relacional (de gênero) que, ao responder à lógica da oposição binária, tende a (re)significar o macho e a fêmea (sexo), como, *naturalmente*, homem (gênero masculino-dominante) ou mulher (gênero feminino-subordinado), seres opostos e complementários. Essa *configuração* se apresenta a partir de uma hierarquia entre os sexos (SCOTT, 2003) que é significada pela cultura androcêntrica a partir da premissa da masculinidade hegemônica *versus* a fragilidade feminina. A qual desemboca na construção de relações desiguais de poder, que se torna *solo fértil* para a emergência das violências, especialmente nas relações heterossexuais, mas não somente (SAFFIOTI, 2001).

3. (Re)conhecendo as vozes das meninas e meninos adolescentes: amor romântico e violência, dois *opostos* que muito se *atraem*

O amor romântico se apresenta no imaginário popular, e nas vozes das meninas e meninos adolescentes, como o elemento que parece *solucionar* todos os problemas, *superar* os desafios, *atravessar* o tempo, *encurtar* as distâncias e até *perdoar* e *relevar* o sofrimento, como revelam os fragmentos dos discursos de M4, M6 e H3, respectivamente:

Eu acredito que amar é superar todas as dificuldades [...]. Nós passamos 5 meses separados, eu e meu noivo. No dia que nos encontramos, parecia que alguém tinha morrido. Eu vi ele dentro de uma igreja, aí a gente começou a se agarrar, a se beijar e a chorar no meio de todo mundo... a gente se olhava e chorava [...]. É amor para toda a vida. Amor é tudo que você nunca esquece porque é eterno.

Amor romântico é aquele que não tem desconfiança, que dá atenção, carinho. [...] eu acredito que existe [...] é porque a gente ainda não encontrou a pessoa ideal pra gente. Mas, para cada uma da gente, tem uma alma gêmea, um homem.

Amor é uma mistura de vários sentimentos... é difícil de explicar. Dar vontade de fazer loucuras com a pessoa, de fazer com ela tudo que vem à cabeça. Não sei se é alma, se é espiritismo, alguma coisa assim... eu sei que é muito complicado falar...

Esses discursos retratam os mitos que envolvem o amor romântico, especialmente aquele que o apresenta cada um/a dos parceiros/as de uma relação como uma meia laranja, que se completa (se torna uma laranja inteira), somente a partir do/a outro/a, sua alma gêmea. Reforçando a idéia do casal como complementar, onde um/a sem o/a outro/a é considerado/a ser faltante (CORIA, 2007; BOSCH et al., 2007; LAGARDE, 2008). Além disso, expressam que o ideal do amor romântico *aproxima* as pessoas da *promessa* de felicidade *eterna*, que tende a ser *garantida* quando o casal, e principalmente as mulheres, cumprem com seus papéis de gênero naturalizados:

M4: Eu acredito que toda mulher sonha com um homem da forma como imaginas, um homem que tu sabe que passará toda a vida ali, tu ao lado dele, feliz. Todo mundo sonha com isso.

M5: É porque todo homem é cabeça. Eu acho que a gente aprende a ser o oposto, porque se fôssemos iguais nunca ia dar certo a relação. Si ele é cabeça, eu não posso ser. Se não nunca mais a gente ia se falar.

M3: Eu, mesma quando ele está errado, eu vou atrás dele. Quando a pessoa ama é assim, é diferente.

Como consequência, *em nome do amor*, esses padrões vêm sendo (re)produzidos, atualizados e ampliados (alcançando também as relações homoafetivas), de modo que as violências (desde a simbólica, considerada invisível até a física e sexual) se tornam muitas vezes *parte* das relações *amorosas*:

M1: [...] eu acredito que na maioria das vezes, as mulheres aceitam uma situação de violência por amar muito. Aí, não têm coragem de tomar uma decisão. [...]. Como acontecia com minha mãe... quanto mais meu pai batia nela, mais ela se apaixonava por ele.

M5: [...] Tem umas que aceitam porque amam [...] e também tem aquelas que não ama, mas que o homem bate nela porque ama muito ela...

H1: Nenhum tipo de violência se justifica, mas, em parte, amor tem sim... é um amor doente, porque se tu é normal tu não vai bater na tua mulher, mas tem gente que ama assim...

Os discursos adolescentes, ainda que com outras palavras, nos levam a perceber que

El amor romántico está profundamente tergiversado en términos de poder. Los sueños de amor romántico han conducido muy frecuentemente a la mujer a una enojosa sujeción doméstica. (GIDDENS, 2008, p. 64).

Podemos considerar, portanto, que amor e violência, objetivamente tratados pelas/os adolescentes como temas antagônicos, se misturam e se aproximam nos seus discursos,

muitas vezes de forma oculta, porém solidificada. Sem que eles e elas se dêem conta de que constroem uma vinculação silenciosa (amor romântico-violência de gênero), a qual “[...] presenta costos muy elevados que habitualmente no figuran en la contabilidad amorosa porque han sufrido un proceso de invisibilización”, ao longo do tempo. (CORIA, 2007, p. 33).

É assim que, nas entrelinhas dos seus discursos, identificamos que, para construir formas de amar e de se relacionar mais saudáveis e sem violências, é preciso (re)significar não somente o que se entende por amor, mas também o que entende por “[...] outro, companhia, felicidade e ideal imortal”. (COSTA, 1998, p. 218-219). Para tanto, é importante e necessário promover modos de amar e de se relacionar mais, éticos, equitativos, livres e confluentes (LAGARDE, 2005; GIDDENS, 2008), onde as pessoas que formem o casal sejam consideradas, antes de tudo, pessoas de carne e osso, independentemente do sexo, gênero, raça, etnia, classe social etc.

4. Adolescentes: sujeitos (potencialmente) promotores da igualdade

Para finalizar, gostaríamos de enfatizar que, a pesar das contradições e complexidades que marcaram os discursos adolescentes, nossa pesquisa também demonstrou que, diante de atividades e trabalhos, especialmente em grupo, essas meninas e meninos parecem construir uma visão mais crítica de si mesmo e do mundo. De modo que se colocam disponíveis e flexíveis para (re)significar e experimentar outros modelos de relação que, com base na perspectiva de gênero, pode apoiá-las/os no processo de se tornarem protagonistas de suas próprias histórias, com ênfase na incorporação de valores e práticas de vida que primem pela igualdade, diversidade e ética entre todas e todos.

5. Referências Bibliográficas

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; ALVARENGA, Augusta Thereza; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa (Orgs.). **Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos**. São Paulo: FAPESP – Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BERTOLUCCI PRATA, Maria Aparecida. **Adolescentes e jovens... em ação!** Aspectos psíquicos e sociais na educação do adolescente hoje. São Paulo: UNESP, 2008.

BOSCH, Esperanza et al. **Del mito del amor romántico a la violencia contra las mujeres en la pareja**. España: Instituto de la Mujer/Ministerio de Igualdad, 2007.

CAETANO, Marcio; FERNÁNDEZ, Silvina Julia; JUNIOR, Paulo Melgado da Silva. Masculinidades polisémicas y experiencias curriculares singulares en la ciudad de Rio de Janeiro-Brasil. En: RIVAS, Eloy (Comp.). **Prácticas contemporáneas de la sexualidad masculina**: enfoques teóricos y revisiones críticas desde la perspectiva feminista de género. México: Academia Mexicana de Estudios de Género de los Hombres, 2010. p. 58-68.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. Coleção Folha Explica. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000.

CORIA, Clara. **El amor no es como nos contaron...ni como lo inventamos**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ESTEBAN, Mari Luz; MEDINA, Rosa; TÁVORA, Ana. ¿Por qué analizar el amor? nuevas posibilidades para el estudio de las desigualdades de género. En: CONGRESO DE ANTROPOLOGÍA DE LA F.A.A.E.E., 10, 2005, Sevilla. **Anales...** Sevilla: F.A.A.E.E, no paginado, 2005. Disponible en: <http://www.ugr.es/~rosam/Doc/Sevilla-05.pdf>. Consultado en: 4 may. 2010.

ESTEBAN, Mari Luz. **Crítica del pensamiento amoroso**. Barcelona: Bellaterra, 2011.

FERRER, Victoria et al. **El concepto de amor en España**. Revista Psichotema, Asturias, v. 20, n. 4, p. 589-595, 2008. Disponible: <http://www.psicothema.com/pdf/3527.pdf>. Consultado en: 03 mar. 2011.

FRANCH, Mônica. **Tardes ao léu**: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. 2000. 240 f. Tesina de master (Master en Antropología) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, dezembro, 2000.

GARCÍA, Fernando; CASADO, Elena. **Violencia em la pareja**: gênero y vínculo. Madrid: TALASA, 2010.

GIDDENS, Anthony. **La transformación de la intimidad**: sexualidad, amor y erotismo en las sociedades modernas. Madrid: Cátedra, 2008.

HERRERA, Coral Gómez. **La construcción sociocultural del amor romántico**. Madrid: Fundamentos, 2011.

JUSTO, José. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista Psicologia - UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 61-77, 2005. Disponible en: <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a05.pdf>. Consultado en: 10 jun. 2011.

KAUFMAN, Michael. **Hombres.:** placer, poder y cambio. Santo Domingo: CIPAF, 1989.

KNAUTH, Daniela Riva; VÍCTORA, Ceres Gomes; LEAL, Andréa Fachel. Liberdade, sexo e drogas: a vulnerabilidade de homens jovens de camadas populares. En: ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; ALVARENGA, Augusta Thereza; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa (Orgs.). **Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos**. São Paulo: FAPESP, 2005. p. 147-161.

LAGARDE, Marcela y de los Ríos. **Para mis socias de la vida**. Madrid: Horas y horas, 2005.

LAGARDE, Marcela y de los Ríos. **Amor y sexualidad, una mirada feminista**. Madrid: Universidad Menéndez Pelayo, 2008. Disponible en: http://www.bduimp.es/archivo/conferencias/pdf/08_10193_17_Lagarde_idc37747.pdf. Consultado en: 10 jul. 2010.

LOW, Telma. **Intersubjetividades en la adolescencia:** sistema de género y violencias. 2009. 380 f. Tesina de master (Master en Género y Políticas de la Igualdad) – Universidad de Valencia, España, 2009.

LYRA, Jorge. **Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil:** uma análise de gênero no campo das políticas públicas. 2008. 262 f. Tesis (Doctorado en Salud Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2008.

MARTÍNEZ BENLLOCH, Isabel (Org.) et al. **Imaginario cultural, construcción de identidades de género y violencia:** formación para la igualdad en la adolescencia. Madrid: Instituto de la Mujer, 2008a.

MEDRADO, Benedito Dantas; MÉLLO, Ricardo Pimentel. Posicionamentos críticos e éticos sobre a violência contra as mulheres. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, edição especial, p. 78-86, 2008. Disponible en: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20nspe/v20nspea11.pdf>. Consultado en: 21 sep. 2011.

RIVAS, Eloy (Comp.). **Prácticas contemporáneas de la sexualidad masculina:** enfoques teóricos y revisiones críticas desde la perspectiva feminista de género. México: Academia Mexicana de Estudios de Género de los Hombres, 2010.

ROLNIK, Suely. Cidadania e Alteridade: O Psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. En: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). **A cidadania em construção:** uma reflexão interdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994. p. 157-176.

ROLNIK, Suely. Subjetividade e História. **Revista Rua**, Campinas, n. 1, p. 2-6, marzo 1995.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos PAGU**, Campinas, v. 16, p. 115-136, 2001. Disponible en: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>. Consultado en: 13 nov. 2010.

SCOTT, Joan. El género: Una categoría útil para el análisis histórico. En: LAMAS, Marta (Comp.). **El género: la construcción cultural de la diferencia sexual**. México: Programa Universitario de Estudios de Género, 2003. p. 265-302.

TUBERT, Silvia Cotlier. La construcción de la identidad sexuada en la adolescencia. En: MARTÍNEZ BENLLOCH, Isabel (Org.) et al. **Imaginario cultural, construcción de identidades de género y violencia: formación para la igualdad en la adolescencia**. Madrid: Instituto de la Mujer, 2008a. p. 50-87.

TUÑOL, Esperanza; EROZA, Enrique. Género y sexualidad adolescente: la búsqueda de un conocimiento huidizo. **Revista de Estudios Sociológicos**, México, v., n. 55, p. 209-226, 2001. Disponible en: http://codex.colmex.mx:8991/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/M5DGJU1B48PDS322K5I1N585RCEX1P.pdf. Consultado en: 22 feb. 2011.

UNBEHAUM, Sandra; CAVASIN, Sylvia; SILVA, Valéria. Violência, sexualidade e saúde reprodutiva: contribuições para o debate sobre políticas públicas de saúde para rapazes. En: ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira; ALVARENGA, Augusta Thereza; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa (Orgs.). **Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos**. São Paulo: FAPESP, 2005. p. 219-240.